

APRESENTAÇÃO HISTÓRIAS E PERFORMANCES MUSICAIS NO ESPAÇO IBERO- AFRO-AMERICANO



Teresinha Rodrigues Prada Soares

 Universidade Federal do Mato Grosso

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7817-1550>

 E-mail: teresinha.soares@ufmt.br

Leonardo Vieira Feichas

 Universidade de Brasília

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5288-6873>

 E-mail: leonardo.feichas@unb.br

Rodrigo Teodoro de Paula

 Universidade do Minho / Universidade de Évora

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7817-1550>

 E-mail: rodrigoteodorodepaula@elach.uminho.pt
rtpaula@uevora.pt

Resumo: Apresentação do dossiê Histórias e Performances Musicais no espaço ibero-afro-americano.

Palavras-chaves: História, Música, Performance, Espaço Ibero-afro-americano.

Abstract: Introduction of the dossier Stories and Musical Performances in the Ibero-Afro-American context

Keywords: History, Music, Performance, Ibero-Afro-American context.

O dossiê “Histórias e Performances Musicais no espaço ibero-afro-americano” teve o objetivo de debater a Performance musical pautada pela História social, em atenção a transformações culturais e artísticas nesse território híbrido. Com esse ideal, chegamos à publicação de quatro artigos e uma entrevista temática, cujos textos refizeram percursos da música brasileira, revisitaram memórias luso-brasileiras, reuniram do passado as novas escutas, em análises e visões artísticas trazidas por conceitos e criações.

No texto "Performance e contracultura: a sonoridade da banda Os Mutantes no espaço ibero-afro-americano", Alexandre Saggiorato revisita a memória política das décadas de 1960 e 1970 que, mundialmente, ficaram conhecidas tanto por dar voz à rebeldia jovem

quanto pela forte repressão artístico-cultural e comportamental, com menções a obras que aprofundam os processos artísticos sonoros da banda, as quais situam o modo como o contorno estético e o viés confrontador foram realçados em suas colagens sonoras inusitadas, detalhando procedimentos de gravação e performance, que colidiram com a política e a própria música popular brasileiras. O estudo reforça a necessidade de compreender o rock no contexto da contracultura, caso contrário, corre-se o risco de ser interpretado de modo equivocado, como colonializante, pensamento comum no momento histórico em que os Mutantes iniciaram sua trajetória. Performances ligadas à contracultura como de Os Mutantes, remetem-nos à vanguarda musical brasileira, a movimentos sociais e artísticos que revelaram seus rituais modernos, como foi o caso de artistas do grupo chamado "Música Nova" – Gilberto Mendes, Willy Corrêa de Oliveira, Damiano Cozzella, Rogério Duprat entre outros. Duprat atuou na Tropicália e com Os Mutantes, de quem é o autor de arranjos e direções musicais, identificado como o “George Martin dos Mutantes” (Guerrini, 2009), em alusão ao produtor musical dos Beatles, além de ser conhecido como compositor no cinema nacional e cocriador de happenings. Uma produção bibliográfica neste assunto da intersecção da cultura pop e da música contemporânea dos anos 60' e 70', como Ridenti, Zeron e Guerrini, pode ser uma leitura muito emancipadora. O interessante nessa intersecção é que se trata de mostrar intenções de mudanças, principalmente no engendramento da antiga construção dos termos clássico e popular, deliberadamente misturados por artistas singulares anti-establishment, como eram os criadores do Música Nova. Outro ponto, a contestação pela música ao status quo com o uso de humor, ironia e absurdo foi uma arma que serviu tanto a Os Mutantes quanto aos criadores do Música Nova, na frágil situação de instabilidade política e social vivida.

Uma imersão na obra musical do compositor mineiro Flausino Valle gerou composições inéditas, em uma pesquisa retratada no artigo "Flausino Valle e reverberações em composições autorais: caminhos na criação musical", de autoria de Luiz Augusto Gerber Ribeiro Ferreira Leite, Leonardo Vieira Feichas e Silvio Ferraz. Em aproximações aos 26 Prelúdios de Valle (1894-1954), duas composições, Fantasia do Canto da Mata, para violino solo, e Estradinha de Terra, para viola brasileira, foram realizadas nesse processo, revelando procedimentos metodológicos de uma pesquisa acadêmica, que se deixou atravessar pelo diálogo entre referências e a gênese composicional própria. A perspectiva deste trabalho integra um movimento mais amplo de pesquisas que vêm evidenciando a permanência e a reverberação da obra de Flausino Valle em diferentes campos da produção musical. Para além da investigação musicológica e da performance de seu repertório, sua obra tem sido retomada e ressignificada em processos de composição, em experiências relacionadas à

música popular e em propostas vinculadas à Pedagogia da Performance, por exemplo. Essas diferentes abordagens revelam a capacidade de sua produção de ultrapassar os limites de seu contexto histórico e de mobilizar novas práticas, interpretações e processos criativos. Essa amplitude pode ser compreendida também a partir da própria atuação de Valle como um artista de múltiplas dimensões: violinista, compositor, escritor e pesquisador de diferentes manifestações da cultura brasileira, como demonstrado por Feichas (2016). Sua produção não se restringe, portanto, à composição musical, mas articula diferentes formas de expressão e conhecimento, estabelecendo relações entre prática instrumental, criação, escrita e cultura. Nesse sentido, investigar as reverberações de sua obra significa não apenas revisitar seu legado, mas compreender como ele continua produzindo desdobramentos e estimulando novas formas de criação, performance, ensino e pesquisa. A diversidade dessas apropriações reforça, assim, a atualidade de Valle como objeto de uma pesquisa interdisciplinar e multimodal, na qual diferentes campos de conhecimento se encontram e se retroalimentam.

No âmbito dos estudos sobre a Paisagem Sonora Histórica, temática que tem se desenvolvido na última década na musicologia luso-brasileira, o contexto urbano, as sensibilidades e as emoções que dão protagonismo à cultura aural do passado, também podem oferecer contributos para a (re)criação e a performance contemporânea. À espera da observação do tempo, a abordagem de relatos de viagem de expedições portuguesas a Angola, em finais do século XIX, registrados por dois exploradores portugueses, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, é o que traz Anderson Pereira Antunes em seu artigo "Paisagens sonoras na Angola oitocentista: dos relatos de viagem à interpretação contemporânea". Tais relatos, sem desconsiderar os filtros ideológicos de seus autores, informam alguns aspectos das dinâmicas sonoras desse território e são utilizados por Anderson Pereira, embora o foco seja mais a música como prática social, para a recriação de uma partitura e a sua realização em performances contemporâneas em Évora, Portugal. No diálogo entre arquivo colonial, música, cultura e os relatos históricos, a sonoridade musical de Angola oitocentista torna-se, nesse estudo, um elemento para uso criativo, mas também uma ferramenta crítica sobre processos históricos (e acadêmicos) de invisibilidades e silenciamentos da cultura africana.

Em "A construção histórica e cultural da escuta musical no Brasil" por Daniela Amaral Rodrigues e Silvia Maria Pires Cabrera Berg, as autoras exercitam uma reflexão crítica sobre repertórios musicais ocidentais na difusão e escuta musical, ou seja, ouvimos onde, como e o quê? Nessa busca, além dos constructos, novamente o silenciamento é encontrado. Tendo por fundamento inicial conceitos de escuta do filósofo e musicólogo

francês Peter Szendy, o texto caminha com historicidade, apresentando marcas do eurocentrismo, que no caso da sociedade brasileira teve sua diversidade cultural represada pelo aspecto colonializante. Por essa abordagem, os exemplos de origem são fartos, e o momento atual tem sido pródigo em reagir, apontando ações coloniais.

Outro efeito reativo, no entanto, é evocar, na outra ponta, uma agenda de novos acontecimentos, novas possibilidades, e é essa a iniciativa que encerra nossa publicação, com a fala de um pesquisador que difunde a virada epistemológica já nos resultados de mais de uma década de ações artísticas reunidas e investigadas. Seguindo uma postura reflexiva, nossa entrevista, especialmente realizada para este dossiê, com o estudioso Rubén López-Cano, instigado por nossa colocação de problemas de ordem artístico-cultural no espaço ibero-afro-americano, tece possibilidades que caminham em direção aos que se posicionam por mudanças de uma trajetória unívoca, sejam músicos, estudantes, pesquisadores. Em pequenos ou grandes movimentos, há em novas epistemologias, experiências musicais e culturais transformadoras, fortalecendo um material que nos fala mais sobre nós mesmos, criando estratégias de olhar crítico a partir de nossos territórios.

Recebido em 30 de junho de 2026

Aceito em 24 de agosto de 2026